



revistafidelidade@terra.com.br • ano 4 • julho/2006 • nº 46 • R\$5,00

Revista

Fidelidade **ESPÍRITA**

SÓCRATES, PLATÃO E O ESPIRITISMO

*Resumo
da doutrina
de Sócrates
e Platão*

A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

4 OBSERVAÇÃO

MEDIUNIDADE E DISCIPLINA

Aprenda como ser um bom médium

6 MEDIUNIDADE

PSICOFONIA CONSCIENTE

O socorro espiritual

10 REFLEXÃO

O MERECIMENTO

Compreendendo as aflições da vida

12 CHICO

CONTROLE DOCTRINÁRIO DAS PUBLICAÇÕES

O cuidado de Chico com as obras mediúnicas

14 CAPA

SÓCRATES, PLATÃO E O ESPIRITISMO

Filosofia e Religião compartilhando o mesmo pensamento

22 ESTUDO

ESPIRITISMO NA REVISTA ÉPOCA

O Espiritismo cada vez mais presente

25 ESCLARECIMENTO

SUPER-MÉDIUNS

Mediunidade não é misticismo

27 COM TODAS AS LETRAS

NÃO ERRE NA CONCORDÂNCIA DE “A GENTE”

Importantes dicas da nossa língua portuguesa



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial

Adriana Levantesi
Leandro Camargo
Rodrigo Lobo
Sandro Cosso
Thais Cândida
Zilda Nascimento

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.

Os essênios, Sócrates e Platão



O fato de haver Jesus conhecido a seita dos essênios, fora errôneo concluir-se que a sua doutrina hauriu-a ele na dessa seita e que, se houvera vivido noutro meio, teria professado outros princípios. As grandes idéias jamais irrompem de súbito. As que assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina.

Desse modo, não surgindo bruscamente, a idéia, ao aparecer, encontra espíritos dispostos a aceitá-la. Tal o que se deu com a idéia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão.

Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou, pelo menos, nenhum escrito deixou. Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças que encontrara e colocado a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas; por haver, numa palavra, combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus, a quem os fariseus acusavam de estar corrompendo o povo com os ensinamentos que lhe ministrava, também ele foi acusado, pelos fariseus do seu tempo, visto que sempre os houve em todas as épocas, por proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Assim como a doutrina de Jesus só a conhecemos pelo que escreveram seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos de seu discípulo Platão. Julgamos conveniente resumir aqui os pontos de maior relevo, para mostrar a concordância deles com os princípios do Cristianismo. (ver matéria de capa)

Aos que considerarem esse paralelo uma profanação e pretendam que não pode haver paridade entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, diremos que não era pagã a de Sócrates, pois que objetivava combater o paganismo; que a de Jesus, mais completa e mais depurada do que aquela, nada tem que perder com a comparação; que a grandeza da missão divina do Cristo não pode ser diminuída; que, ao demais, trata-se de um fato da História, que a ninguém será possível apagar. O homem há chegado a um ponto em que a luz emerge por si mesma de sob o alqueire. Ele se acha maduro bastante para encará-la de frente; tanto pior para os que não ousem abrir os olhos. Chegou o tempo de se considerarem as coisas de modo amplo e elevado, não mais do ponto de vista mesquinho e acanhado dos interesses de seitas e de castas.

Além disso, estas citações provarão que, se Sócrates e Platão pressentiram a idéia cristã, em seus escritos também se nos deparam os princípios fundamentais do Espiritismo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Introdução item IV

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Mediunidade e Disciplina

da Redação

Inúmeros são os desafios da queles que assumiram a seara mediúnica.

Contrariando o senso comum que, freqüentemente, imagina privilegió e facilidades para o seu porta-

dor, a mediunidade é mecanismo de progresso que necessita de cuidados especiais.

As obras codificadas por Allan Kardec figuram como valoroso manual de instruções a todos os que

dium como um líquido entra numa garrafa.

e) O espírito comunicante está sempre sujeito ao controle mental do médium, mesmo na faculdade inconsciente.

f) A reunião mediúnica é um ambiente sagrado em que os integrantes desejam ligar-se mental e moralmente às esferas superiores num clima de paz e equilíbrio.

g) Os bons espíritos necessitam de médiuns equilibrados para alcançarem êxito no seu mister.

h) Médiuns que, comumente, gritam, agriem, lançam-se ao solo, batem na mesa, carecem de ajuda para aprenderem a se controlar.

i) É dever dos médiuns, no atendimento às entidades necessitadas, oferecer aos amigos espirituais um bom controle dos espíritos comunicantes para que os necessitados alcancem o equilíbrio.

j) Ser médium não significa ser fantoche nas mãos dos desencarnados.

h) O medianeiro deve exercer severo controle sobre as entidades comunicantes. Esse controle virá pela seriedade do porta-voz, conhecimento doutrinário, exercício comprometido com a verdade e proteção espiritual angariada pelo esforço no campo do bem.

Encontram-se, muita vez, mé- ▶

Ser médium não significa ser fantoche nas mãos dos desencarnados



almejam conhecer a faculdade de intercambiar os espíritos desencarnados.

Entretanto, o exercício mediúnico, por vezes, apresenta problemas, impropriedades e exageros por parte de adeptos pouco esclarecidos.

A pretexto de nossa instrução, recordemos alguns conceitos espíritos:

a) Mediunidade não é dom (no sentido de privilégio) é faculdade humana;

b) Não é mística ou supranormal é capacidade natural do homem;

c) Do ponto de vista espírita não é a mediunidade que se desenvolve, mas, o médium que se educa.

d) A comunicação espiritual se dá de pensamento a pensamento. O espírito não entra no corpo do mé-

diuns escandalosos, exagerando as comunicações recebidas. Na maioria das vezes, porém, não fazem por mal. Vejamos algumas alternativas que, em princípio, explicam essa postura:

a) Querem demonstrar que, de fato, estão envolvidos por espíritos e, para isso, exageram na transmissão do pensamento do desencarnado;

b) Entregam-se, demasiadamente, às vibrações e ou pensamentos do comunicante esquecendo-se da vigilância e do auto-controle;

c) Não estão suficientemente alertados sobre a naturalidade do transe mediúnico e desejam imprimir um sentido místico às comunicações;

d) Aprenderam, erroneamente, que bom médium é o que oferece comunicações difíceis, violentas, esquecidos de que a disciplina caracteriza os melhores intérpretes.

É verdade que, em determinados casos, algumas comunicações são agitadas e sofredoras, exigindo dos médiuns esforço incomum no controle dos desencarnados. Nada de mais, a tarefa do médium é auxiliar o comunicante e não se apavorar ou entregar-se ao desequilíbrio do espírito.

Compreensível, portanto, quando, por vezes, alguns atendimentos tornam-se mais ou menos agitados, que o médium ofereça maior expansão ao pensamento do espírito, mas, mesmo assim, deve estar vigilante para evitar os abusos.

O problema se apresenta quando esse desequilíbrio se torna habitual no médium. Quando comuni-

cações “difíceis” caracterizam-no como médium especial. Especial em que? Em desequilíbrio?

Toda Casa Espírita presa por medianeiros que saibam se concentrar e desconcentrar, que aprenderam, por estudo e dedicação, a acalmar os comunicantes com seus próprios pensamentos de paz e harmonia interessando-se pelo bem estar do comunicante e pela seriedade e simplicidade de nossas reuniões de intercâmbio.

Fazemos votos de que os médiuns que trabalham em nome do Espiritismo se aprimorem cada vez mais, a fim de facilitarmos a atuação dos bons espíritos. Que tenham boa vontade, ânimo e, principalmente, coragem para atuarem, sempre, em nome da verdade!

Toda Casa Espírita presa por medianeiros que aprenderam a acalmar os comunicantes

Nas páginas seguintes apresentaremos, referente ao nosso assunto, excelente texto do espírito de André Luiz; pela beleza e profundidade dos ensinamentos, convidamos o leitor à recordação de preciosa lição registrada na obra: *Nos Domínios da Mediunidade*. Cap. VI Mediunidade Consciente. ■

Fonte:

KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Segunda parte cap. XVII - XIX e XX.

Psicofonia Consciente

por André Luiz /Chico Xavier

Desdobravam-se os serviços da casa, harmoniosamente.

Três guardas espirituais entraram na sala, conduzindo infeliz irmão ao socorro do grupo.

Era infortunado solteirão desencarnado que não guardava consciência da própria situação.

Incapaz de enxergar os vigilantes que o traziam, caminhava à maneira de um surdo-cego, impelido por

forças que não conseguia identificar.

- É um desventurado obsessivo, que acabam de remover do ambiente a que, desde muito tempo, se ajusta – informou Áulus, compadecido. – Desencarnou em plena vitalidade orgânica, depois de extenuar-se em festiva loucura. Letal intoxicação cadaverizou-lhe o corpo, quando não possuía o menor sinal de habilitação para conchegar-se às verdades do espírito.

E como quem já conhecia as particularidades da prestação de socorro que, decerto, fora antecipadamente preparada, continuou explicando:

- Reparem. É alguém a movimentar-se nas trevas de si mesmo, trazido ao recinto sem saber o rumo tomado pelos próprios pés, como qualquer alienado mental em estado grave. Desenfaixando-se da veste de carne, com pensamento enovelado à paixão por irmã nossa, hoje torturada enferma que sintonizou com ele, a ponto de retê-lo junto de si com aflições e lágrimas, passou a vampirizar-lhe o corpo. A perda do veículo físico, na deficiência espiritual em que se achava, deixou-o integralmente desarvorado, como náufrago dentro da noite. Entretanto, adaptando-se ao organismo da mulher amada que passou a obsidiar, nela encontrou novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvi-

... sintonizou com ele, a ponto de retê-lo junto de si com aflições e lágrimas



dos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados. Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios orgânicos de vulto. Por haver a doente solicitado nosso curso assistencial, somos constringidos a duplo socorro. Para que se cure das fobias que presentemente a assaltam como reflexos da mente dele, que se vê apavorado diante das realidades do Espírito, é necessário o afastamento dos fluidos que a envolvem, assim como a coluna, abalada pelo abraço constringente da hera, reclama limpeza em favor do reajuste.

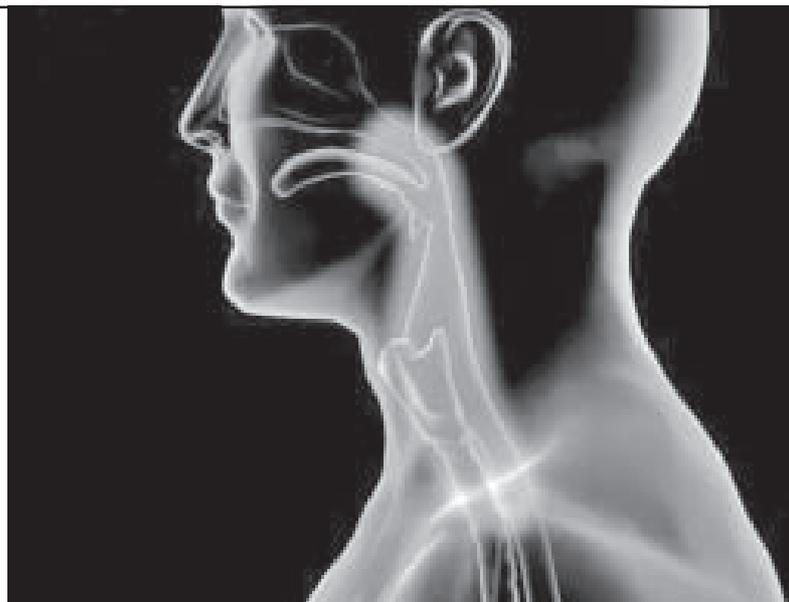
Nesse ínterim, os condutores, obedecendo às determinações de Clementino, localizaram o sofredor ao lado de Dona Eugênia.

O mentor da casa aproximou-se dela e aplicou-lhe forças magnéticas sobre o córtex cerebral, depois de arrojar vários feixes de raios luminosos sobre extensa região da glote.

Notamos que Eugênia-alma afastou-se do corpo, mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, o visitante sentava-se rente, inclinando-se sobre o equipamento mediúnic ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela.

Ante o quadro, recordei as operações do mundo vegetal, em que uma planta se desenvolve à custa de outra, e compreendi que aquela associação poderia ser comparada a sutil processo de enxertia neuropsíquica.

Suspiros de alívio desprenderam-se do tórax mediúnic que, por instantes, se mostrara algo agitado.



Efetivamente, apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga

Observei que leves fios brilhantes ligavam a frente de Eugênia, desligada do veículo físico, ao cérebro da entidade comunicante.

Porque eu lhe dirigisse um olhar de interrogação e estranheza, Áulus explicou, prestimoso:

- É o fenômeno da psicofonia consciente ou trabalho dos médiuns falantes. Embora senhoreando as forças de Eugênia, o hóspede enfermo do nosso plano permanece consolado por ela, a quem se imana pela corrente nervosa, através da qual estará nossa irmã informada de todas as palavras que ele mentalize e pretenda dizer. Efetivamente apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar

com algum equilíbrio, por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado a quem empresta o seu carro físico, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode, assim, frustrar-lhe qualquer abuso, fiscalizando-lhe os propósitos e expressões, porque

ESCLARECIMENTO

se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se, se quiser ser-lhe útil. O Espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio. Nas sessões de caridade, qual a que presenciamos, o primeiro socorrista é o médium que o percebe, mas, se esse socorrista cai no padrão vibratório do necessitado que lhe roga serviço, há pouca esperança no amparo eficiente. O médium, pois, quando integrado nas responsabilidades que esposa, tem o dever de colaborar na preservação

Fitou Eugênia preocupada e vigilante, ao pé do enfermo que começava a falar, e sentenciou:

- Se preciso, nossa amiga poderá retomar o próprio corpo num átimo. Acham-se ambos num consórcio momentâneo, em que o comunicante é a ação, mas no qual a médium personifica a vontade. Em todos os campos de trabalho, é natural que o superior seja responsável pela direção do inferior.

O visitante passou a destra pela face num gesto de alívio e bradou, transformado:

- Vejo! Vejo!... Mas por que en-

telosa de Eugênia. Porta-se, dessa forma, como um doente controlado, qual se faz imprescindível.

- E se nossa irmã relaxasse a auto-riedade? – inquiriu Hilário, curioso.

- Não estaria em condições de prestar-lhe benefícios concretos, porque então teria descido ao desvairamento do mendigo de luz que nos propomos auxiliar – esclareceu o nosso instrutor, com calma.

E numa linguagem feliz para ilustrar o assunto ajuntou:

- Um médium passivo, em tais circunstâncias, pode ser comparado à mesa de serviço cirúrgico, retendo o enfermo necessitado de concurso médico. Se o móvel especializado não possuir firmeza e humildade, qualquer intervenção seria de todo impossível.

- Mas nossa amiga está enxergando, conscientemente, a entidade que se lhe associa ao vaso carnal, com tanta clareza junto a nós? – perguntei por minha vez, atento aos meus objetivos de aprendizado.

- No caso de Eugênia, isso não acontece – elucidou Áulus, condescendente -, porque o esforço dela na preservação das próprias energias e o interesse na prestação de auxílio com todo o coeficiente de suas possibilidades não lhe permitem a necessária concentração mental, para surpreender-lhe a forma exterior. Entretanto, reproduzem-se nela as aflições e os achaques do socorrido. Sentem-lhe a dor e a excitação, registrando-lhe o sofrimento e o mal-estar.

Ao passo que se dilatava a nossa conversação, o comunicante gritava, contundente.

- Estaremos, porventura, num tribunal? por que uma recepção es-

O sofredor, ao contato das forças nervosas da médium, revive os próprios sentidos

da ordem e da responsabilidade na obra de assistência aos desencarnados, permitindo-lhes a livre manifestação não colida com a harmonia necessária ao conjunto e com a dignidade imprescindível ao recinto.

Então – alegou Hilário -, nesses trabalhos o médium nunca se mantém a longa distância do corpo...

- Sim, sempre que o esforço se refira a entidades em desajuste, o mediano não deve ausentar-se demasiado... com um demente em casa, o afastamento é perigoso, mas se nosso lar está custodiado por amigos conscientes de si, podemos excursionar até muito longe, porquanto o nosso domicílio demorarse-á guardado com segurança. No concurso aos irmãos desequilibrados, nossa presença é imperativo dos mais lógicos.

cantamento me prendem aqui? Que algemas me afixam a este móvel pesado?

E acentuando a expressão de asombro, prosseguia:

- Qual o objetivo desta assembléia de silêncio de funeral? quem me trouxe? quem me trouxe?!...

Vimos que Eugênia, fora do veículo denso, escutava todas as palavras que lhe fluíam da boca, transitoriamente ocupada pelo peregrino das sombras, arquivando-as, de maneira automática, no centro da memória.

- O sofredor – disse o Assistente, convicto -, ao contato das forças nervosas da médium, revive os próprios sentidos e deslumbra-se. Queixa-se das cadeias que o prendem, cadeias essas que em cinquenta por cem decorrem da concentração cau-

tranha quanto esta, quando sou o infortunado que comparece? a mim, Libório dos Santos, ninguém ofende sem revide...

Como se a consciência o torturasse, através de criações interiores que não nos era dado perceber, voçiferava, frenético:

- Quem me acusa de haver espoliado minha mãe, lançando-a ao desamparo? não sou culpado pelas provações dos outros... Não estarei, acaso, mais doente que ela?...

Nessa altura, Hilário fixou o obsessor, compadecidamente, e indagou, respeitoso:

- Não serão os seus padecimentos simples angústia moral?

- Não tanto assim – aclarou Áulus -; as crises morais de qualquer teor se nos refletem até no veículo de manifestação. O beneficiário desta hora tem o cérebro perispirítico dilacerado e a flagelação que lhe invade o corpo fluídico é tão autêntica quanto a de um homem comum, suplicando por um tumor intracraniano.

Demonstrando-se sumamente interessado no assunto, Hilário acenou:

- Se fôssemos nós os companheiros encarnados, com sede de maiores conhecimentos da vida espiritual, poderíamos submetê-lo a interrogatório minucioso? Estaria em posição de identificar-se perfeitamente?

Áulus abanou levemente a cabeça e considerou:

- Nas condições em que se encontra, o cometimento não seria viável. Estamos abordando apenas um problema de caridade, que se reveste, porém, da mais elevada importância para a vida em si. Na hipótese de

efetivarmos o tentame, conseguiríamos tão-somente infrutuosa inquirição, endereçada a um alienado mental, que, por algum tempo, ainda se mostrará lesado em expressivos centros de raciocínio. Trazendo consigo a herança de uma existência desequilibrada e fortemente atraído para a mulher que o ama e de quem se faz desabrido perseguidor, a nada aspira, por agora, senão à vida parasitária, junto à irmã, de cujas

... nossa irmã está habilitada a perceber que as comoções e as palavras desta hora não lhe dizem respeito

energias se alimenta. Envolve-a em fluidos enfermigos e nela se apóia, assim como a trepadeira que se alastra e prolifera sobre um muro... Somando tudo isso ao choque oriundo da morte, não temos o direito de esperar dele uma experiência completa de identificação pessoal.

Enquanto isso, Libório prosseguia, alucinado:

- Quem poderá suportar essa situação? alguém me hipnotiza? quem me fiscaliza o pensamento? Valerá restituir-me a visão, manietando-me os braços?

Fixando-o com simpatia fraterna, o Assistente informou-nos:

- Queixa-se ele do controle a que é submetido pela vontade cuidadosa de Eugênia.

Ruminando as indagações que nos esfervilhavam a alma, Hilário objetou:

- Consciente a médium, qual se encontra, e ouvindo as frases do

comunicante, que lhe utiliza a boca assim vigiado por ela, é possível que Dona Eugênia seja assaltada por grandes dúvidas... Não poderá ser induzida a admitir que as palavras proferidas pertençam a ela mesma? Não sofrerá vacilações?

- Isso é possível – concordou o Assistente -; no entanto, nossa irmã está habilitada a perceber que as comoções e as palavras desta hora não lhe dizem respeito.

- Mas... e se a dúvida a invadesse? – insistiu meu colega.

- Então – disse Áulus, cortês – emitiria da própria mente positiva recusa, expulsando o comunicante e anulando preciosa oportunidade de serviço. A dúvida, nesse caso, seria congelante faixa de forças negativas...

Todavia, porque Raul Silva iniciara a conversação com o hóspede revoltado, o orientador amigo convidou-nos a melhor observar. ■

Fonte:

XAVIER, Francisco C. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pág. 59 - 67. Feb.

O Merecimento

por Hilério Silva / Chico Xavier

 Saturnino Pereira era francamente dos melhores homens. Amoroso mordomo familiar. Companheiro dos humildes. A caridade em pessoa. Onde houvesse dor a consolar, aí estava de plantão. Não só isso. No trabalho, era o amigo fiel do horário e do otimismo. Nas maiores dificuldades, era um sorriso generoso, parecendo raio de sol dissipando as sombras.

Por isso mesmo, quando foi visto de mão a sangrar, junto à máquina de que era condutor, todas as atenções se voltaram para ele, entre o pismo e a amargura.

Saturnino ferido! Logo Saturnino, o amigo de todos...

Suas colegas da fábrica rasgaram peças de roupa, a fim de estancar o sangue a correr em bica.

O chefe da tecelagem, solícito, conduziu-o ao automóvel, internando-o de pronto em magnífico hospital.

Operação feliz. O cirurgião informou, sorrindo:

- Felizmente, nosso amigo perderá simplesmente o polegar. Todo o braço direito está ferido, traumatizado, mas será reconstituído em tempo breve.

Longe desse quadro, porém, o caso merecia apontamentos diversos:

- Por que um desastre desses com um homem tão bom? – murmurava uma companheira.

- Tenho visto tantas mãos criminosas saírem ilesas, até mesmo de aviões projetados ao solo, e justamente Saturnino, que nos ajuda a todos, vem de ser a vítima! – comentava o amigo.

- Devemos ajudar Saturnino.

Sessão íntima.

Apenas dez pessoas habituadas ao trato com os sofredores. Consagrado ao serviço da prece, o operário, em sua cadeira humilde, esperava o encerramento, quando Macário, o orientador espiritual das tarefas,

O Pai não deseja o sofrimento dos filhos

- Cotizemo-nos todos para ajudá-lo. Mas também não faltou quem dissesse:

- Que adianta a religião, tão bem observada? Saturnino é espírita convicto e leva a sério o seu ideal. Vive para os outros. Na caridade é um herói anônimo. Por que o infausto acontecimento – expressava-se um colega materialista.

E à tarde, quando o acidentado apareceu muito pálido, com o braço direito em tipóia, carinho e respeito por todos os lados.

Saturnino agradeceu a generosidade de que fora objeto. Sorriu, resignado. Proferiu palavras de agradecimento a Deus. Contudo, estava triste.

À noite, em companhia da esposa, compareceu à reunião habitual do templo espírita que freqüentava.

após traçar diretrizes, dirigiu-se a ele, bondoso:

- Saturnino, meu filho, não se creia desamparado, nem se entregue à tristeza inútil. O Pai não deseja o sofrimento dos filhos. Todas as dores decretadas pela Justiça Divina são aliviadas pela Divina misericórdia, toda vez que nos apresentamos em condições para o desagravo. Você hoje demonstra indiscutível abatimento. Entretanto, não tem motivo. Quando você se preparava ao mergulho no berço terrestre, programou a excursão presente. Excursão de trabalho, de reajuste. Acontece, porém, que formulou uma sentença contra você mesmo...

Fez uma pausa e prosseguiu:

- Há oitenta anos, era você poderoso sitiante no litoral brasileiro e, certo dia, porque pobre empregado

enfermo não lhe pudesse obedecer às determinações, você, com as próprias mãos, obrigou-o a triturar o braço direito no engenho rústico. Por muito tempo, no Plano Espiritual, você andou perturbado, contemplando mentalmente o caldo de cana enrubescido pelo sangue da vítima, cujos gritos lhe ecoavam no coração. Por muito tempo, por muito tempo...

E continuou

- E você implorou existência humilde em que viesse a perder no trabalho o braço mais útil. Mas, você, Saturnino, desde a primeira mocidade, ao conhecer a Doutrina Espírita, tem os pés no caminho do bem aos outros. Você tem trabalhado, esmerando-se no dever... Não estamos aqui para elogiar, porque você continua lutando, lutando... e o plantio disso ou daquilo só pode ser avaliado em definitivo por oca-

sião da colheita. Sei, porém, que hoje, por débito legítimo, alijaria

trinta dias, respondeu simplesmente:

Todas as dores decretadas pela Justiça Divina são aliviadas pela Divina misericórdia

você todo o braço, mas perdeu só um dedo... Regozije-se, meu amigo! Você está pagando, em amor, seu empenho à Justiça...

De cabeça baixa, Saturnino derramava grossas lágrimas.

Lágrimas de conforto, de apaziguamento e alegria...

Na manhã seguinte, mostrando no rosto amorável sorriso, compareceu, pontual, ao serviço.

E porque o fiscal do relógio lhe estranhasse o procedimento, quando o médico o licenciara por

- O senhor está enganado. Não estou doente. Fui apenas acidentado e posso servir para alguma coisa.

E caminhando, fábrica a dentro, falou alto, como se todos devessem ouvi-lo:

- Graças a Deus! ■

Fonte:

XAVIER, Francisco C.; VIEIRA, Waldo. *A vida escreve*. Pág. 187. Rio de Janeiro/RJ.



Controle Doutrinário das Publicações

por Suely Caldas Schubert

9 – 12 – 1943

“(...) tendo consultado a Emmanuel sobre o assunto da tradução dos livros dele e de Humberto de Campos para o espanhol, conforme sua notícia, disse-me o nosso generoso amigo espiritual que o caso é da

acha Você? E, além disto, a Federação é uma Casa de auxílios concretos. Não está aí a multidão de problemas pedindo recursos materiais? Qualquer percentagem exigida pela Casa de Ismael nesse assunto viria

A Federação é uma casa de auxílios concretos

alçada da Diretoria da Federação (...).”

Falamos, portanto, aqui, não como espíritas regionais, mas como companheiros da Federação e concluímos que não seria razoável ir entregando assim, sem condições, esse trabalho, pelo qual a Casa de Ismael tanto se tem esmerado. Não seria dar tudo por nada? Cremos que a Federação tem o direito de exigir alguma coisa, mormente no que se refere ao controle doutrinário das publicações e a determinada parte do problema de venda de livros. (Os últimos destaques são da compilação.) Estamos diante de um negócio material. Porque, se a Federação não agir com espírito de vigilância, também não poderá reclamar quanto a qualquer desvio de natureza espiritual nessas traduções, não

atender a muitas questões de beneficência, inclusive o próprio alívio na aquisição de papel com que a nossa Livraria pudesse facilitar cada vez mais o acesso do povo ao livro de nossa doutrina consoladora.

Este é o nosso humilde ponto de vista – o do modesto Grupo Espírita de Pedro Leopoldo. Espero que nossas palavras sejam recebidas na conta do nosso grande amor à realização evangélica da Federação, com quem nos sentimos profundamente irmanados.

Gostaríamos que Você levasse nosso ponto de vista ao Quintão, pois muito temos ganho na experiência e conselhos dele. Quanto ao mais, o que resolverem há de ser sob o amparo da Proteção de Jesus e nisto confiamos. (...)”



O texto ao lado é bastante interessante. Quando Chico Xavier cedeu à FEB todos os direitos sobre a sua produção mediúnica, fê-lo conscientemente, por ter reconhecido na Casa de Ismael as condições imprescindíveis para a execução de todo o programa elaborado pelo Mais Alto. Portanto, no instante em que dá a sua opinião sobre as traduções, faz questão de ressaltar que, ele, de conformidade com Emmanuel, apóia a orientação a ser seguida pela Diretoria da FEB.

Por isso analisa o assunto sob a perspectiva muito mais ampla, não fosse ele um dos esteios básicos de toda essa planificação do Mundo Maior. Compreendendo a importância do momento, pois

dali para a frente cada vez mais se apresentariam ensejos de expansão dos livros dos quais se fazia mediano, opina com vistas ao futuro. Que a FEB mantenha o *controle doutrinário das publicações*. E que, muito justamente, tenha também parte na venda dos livros a fim de atender a todos os seus encargos no plano material. Prevê, ainda, que seria imprescindível que a Federação agisse com “espírito de vigilância”, pois, caso contrário, poderia haver algum desvio *de natureza espiritual* nas traduções.

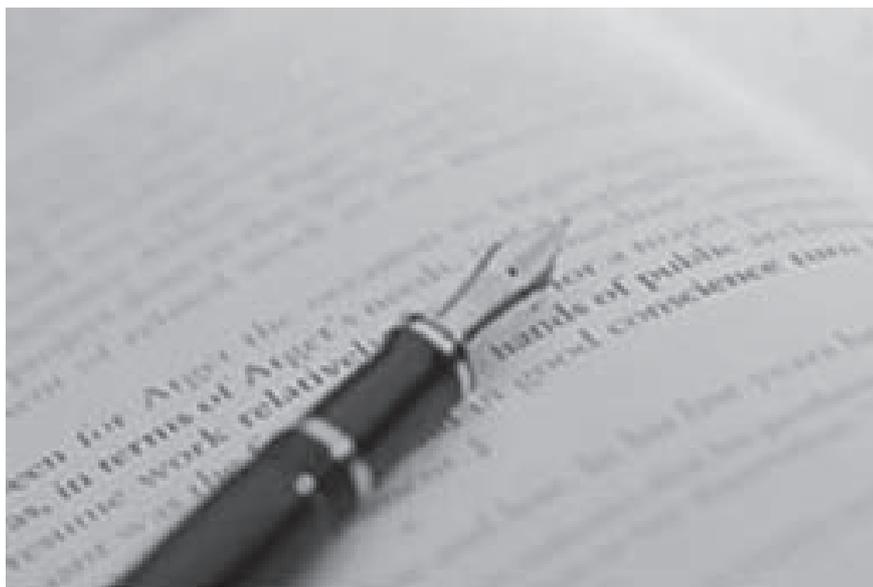
Chico Xavier ao emitir essa opinião evidenciou firmeza e segurança, não admitindo que se fizessem concessões a quem quer que fosse em prejuízo da Casa de Ismael, legítima depositária dos seus livros mediúnicos. E não admitindo, principalmente, qualquer alteração que viesse a desfigurar a obra orientada por Emmanuel.

Observamos, entretanto, o cuidado com que escolhe as palavras para formular um enunciado tão seguro e positivo, cuidado este que lhe é inerente, já que tendo autoridade moral não é, por isto mesmo, *autoritário*. Fala e escreve com brandura e amor. E destaca no penúltimo tópico que este é o “humilde ponto de vista” do Grupo Espírita de Pedro Leopoldo, ressaltando o grande amor que tem pelo trabalho da Federação, “com quem nos sentimos profundamente irmanados”. ■

Fonte:

SCHUBERT, Sueli. *Testemunhos de Chico Xavier*. Pág. 23-26. Feb. 1998

Chico Xavier cedeu à FEB todos os direitos sobre a sua produção mediúnica



Sócrates, Platão e o Espiritismo

por Allan Kardec

Resumo da doutrina de Sócrates e Platão ▶

I.

O homem é uma alma encarnada. Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais das idéias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles, encarnando, e, recordando o seu passado, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e independência entre o princípio inteligente e o princípio material.

É, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela guarda de um outro mundo, a que aspira; da sua sobrevivência ao corpo; da sua saída do mundo espiritual, para encarnar, e da sua volta a esse mesmo mundo, após a morte. É, finalmente, o germen da doutrina dos Anjos decaídos.

II.

A alma se transvia e perturba, quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto; tem vertigem, como se estivesse ébria, porque se prende a coisas que estão, por sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla a sua própria essência, dirige-se para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo ela dessa natureza, permanece aí ligada, por tanto tempo quanto possa. Cessam então os seus transviamentos, pois que está unida ao que é imutável e a esse estado da alma é que se chama sabedoria.

Assim, ilude a si mesmo o homem que considera as coisas de modo terra-a-terra, do ponto de vista material.

Para as apreciar com justeza, tem de as ver do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. Aquele, pois, que está de posse da verdadeira sabedoria, tem de isolar do corpo a alma, para ver com os olhos do Espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, nº 5.)

III.

Enquanto tivermos o nosso corpo e a alma se achar mergulhada nessa corrupção, nunca possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. Com efeito, o corpo nos suscita mil obstáculos pela necessidade em que nos achamos de cuidar dele. Ao demais, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, impossível se nos torna ser ajuizados, sequer por um instante. Mas, se não nos é possível conhecer puramente coisa alguma, enquanto a alma nos está ligada ao corpo, de duas uma: ou jamais conheceremos a verdade, ou só a conheceremos após a morte. Libertos da loucura do corpo, conver-

saremos então, lícito é esperá-lo, com homens igualmente libertos e conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas. Essa a razão por que os verdadeiros filósofos se exercitam em morrer e a morte não se lhes afigura, de modo nenhum, temível.

Está aí o princípio das faculdades da alma obscurecidas por motivo dos órgãos corporais e o da expansão dessas faculdades depois da morte. Mas, trata-se apenas de almas já depuradas; o mesmo não se dá com as almas impuras. (O Céu e o Inferno, 1ª Parte, cap. II; 2ª Parte, cap. I.)

IV.

A alma impura, nesse estado, se encontra oprimida e se vê de novo arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial. Erra, então, diz-se, em torno dos monumentos e dos túmulos, junto aos quais já se têm visto tenebrosos fantasmas, quais devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estarem ainda inteiramente puras, que ainda conservam alguma coisa da forma material, o que faz que a vista humana possa percebê-las. Não são as almas dos bons; são, porém, as dos maus, que se vêem forçadas a vagar por esses lugares, onde arrastam consigo a pena da primeira vida que tiveram e onde

Aquele que está de posse da sabedoria tem de isolar do corpo a alma, para ver com os olhos do Espírito

continuam a vagar até que os apetites inerentes à forma material de que se revestiram as reconduzam a um corpo. Então, sem dúvida, retomam os mesmos costumes que durante a primeira vida constituíam objeto de suas predileções.

Não somente o princípio da re- ▶

encarnação se acha aí claramente expresso, mas também o estado das almas que se mantêm sob o jugo da matéria é descrito qual o mostra o Espiritismo nas evocações. Mais ainda: no tópico acima se diz que a reencarnação num corpo material é conseqüência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas se encontram isentas de reencarnar. Outra coisa não diz o Espiritismo, acrescentando apenas que a alma, que boas resoluções tomou na erraticidade e que possui conhecimentos adquiridos, traz, ao renascer, menos defeitos, mais virtudes e idéias intuitivas do que tinha na sua existência precedente.

Assim, cada existência lhe marca um progresso intelectual e moral. (O Céu e o Inferno, 2ª Parte: Exemplos.)

V.

Após a nossa morte, o gênio (daimon, demônio), que nos fora designado durante a vida, leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao Hades, para serem julgados. As al-

mas, depois de haverem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos. É a doutrina dos Anjos guardiães, ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, em seguida a intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

A palavra daimon, da qual fizeram o termo demônio, não era, na antigüidade, tomada à má parte, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos, em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados deuses, e os menos eleva-

... a reencarnação num corpo material é conseqüência da impureza da alma

VI.

Os demônios ocupam o espaço que separa o Céu da Terra; constituem o laço que une o Grande Todo a si mesmo. Não entrando nunca a divindade em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses entram em comércio e se entretêm com ele, quer durante a vigília, quer durante o sono.

dos, ou demônios propriamente ditos, que comunicavam diretamente com os homens. Também o Espiritismo diz que os Espíritos povoam o espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, que são os incumbidos de lhe transmitir as vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono. Ponde, em lugar da palavra demônio, a palavra Espírito e tereis a doutrina



na espírita; ponde a palavra anjo e tereis a doutrina cristã.

VII.

A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendiam Sócrates e Platão) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Desde que a alma é imortal, não será prudente viver visando à eternidade? O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

VIII.

Se a alma é imaterial, tem de passar, após essa vida, a um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. Muito importa, no entanto, distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimenta, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma mais ou menos maculada de impurezas materiais, que a impedem

de elevar-se para o divino e a retêm nos lugares da sua estada na Terra. Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Insistem na diversidade de situação que resulta para elas da sua maior ou menor pureza. O que eles

tos estranhos, mas com os que lhes são próprios, só esse poderá aguardar tranqüilamente a hora da sua partida para o outro mundo. Equivale isso a dizer que o materialismo, com o proclamar para depois da morte o nada, anula toda responsabilidade moral ulterior, sendo, conseqüentemente, um incentivo

De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é passagem da alma para outro lugar

diziam, por intuição, o Espiritismo o prova com os inúmeros exemplos que nos põe sob as vistas. (O Céu e o Inferno, 2ª Parte.)

IX.

Se a morte fosse a dissolução completa do homem, muito ganhariam com a morte os maus, pois se veriam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que guarnecer a alma, não de orna-

para o mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada.

Somente o homem que se despojou dos vícios e se enriqueceu de virtudes, pode esperar com tranqüilidade o despertar na outra vida. Por meio de exemplos, que todos os dias nos apresentam, o Espiritismo mostra quão penoso é, para o mau, o passar desta à outra vida, a entrada na vida futura. (O Céu e o Inferno, 2ª Parte, cap. I.)

X.

O corpo conserva bem impressos os vestígios dos cuidados de que foi objeto e dos acidentes que sofreu. Dá-se o mesmo com a alma. Quando despida do corpo, ela guarda, evidentes, os traços do seu caráter, de suas afeições e as marcas que lhe deixaram todos os atos de sua vida. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para o outro mundo com a alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólux, nem Górgias podereis provar que devamos levar outra vida que nos seja útil quando estejamos do outro lado. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que mais vale receber do que cometer uma injustiça e que, acima de tudo, devemos cuidar, não de parecer, mas

de ser homem de bem. (Colóquios de Sócrates com seus discípulos, na prisão.)

Depara-se-nos aqui outro ponto capital, confirmado hoje pela experiência: o de que a alma não depurada conserva as idéias, as tendências, o caráter e as paixões que teve na Terra. Não é inteiramente cristã esta máxima: mais vale receber do que cometer uma injustiça? O mesmo pensamento exprimiu Jesus, usando desta figura: “Se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra.” (Cap. XII, nrs. 7 e 8.)

XI.

De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é passagem da alma para outro lugar. Se tudo

tem de extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Todavia, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para o lugar onde os mortos se têm de reunir, que felicidade a de encontrarmos lá aqueles a quem conhecemos!

O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam tais e não o são. Mas, é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vós para viverdes. (Sócrates aos seus juízes.)

Segundo Sócrates, os que viveram na Terra se encontram após a morte e se reconhecem. Mostra o Espiritismo que continuam as relações que entre eles se estabeleceram, de tal maneira que a morte não é nem uma interrupção, nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.

Houvessem Sócrates e Platão conhecido os ensinamentos que o Cristo difundiu quinhentos anos mais tarde e os que agora o Espiritismo espalha, e não teriam falado de outro modo. Não há nisso, entretanto, o que surpreenda, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados hão de tê-las conhecido antes de virem à Terra, para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos daqueles tempos bem podem, depois, terem sido dos que secundaram o Cristo na sua missão divina, escolhidos para esse fim precisamente por se acharem, mais do que

Segundo Sócrates, os que viveram na Terra se encontram após a morte e se reconhecem



outros, em condições de lhe compreenderem as sublimes lições; que, finalmente, pode dar-se, façam eles agora parte da plêiade dos Espíritos encarregados de ensinar aos homens as mesmas verdades.

XII.

Nunca se deve retribuir com outra uma injustiça, nem fazer mal a ninguém, seja qual for o dano que nos hajam causado. Poucos, no entanto, serão os que admitam esse

princípio, e os que se desentenderem a tal respeito nada mais farão, sem dúvida, do que se votarem uns aos outros mútuo desprezo. Não está aí o princípio de caridade, que prescreve não se retribua o mal com o mal e se perdoe aos inimigos?

Todo homem que ama a riqueza não ama a si mesmo, nem ao que é seu

XIII.

É pelos frutos que se conhece a árvore. Toda ação deve ser qualificada pelo que produz: qualificá-la de má, quando dela provenha mal; de boa, quando dê origem ao bem. Esta máxima: “Pelos frutos é que se conhece a árvore”, se encontra muitas vezes repetida textualmente no Evangelho.

XIV.

A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama a si mesmo, nem ao que é seu; ama a uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que o que lhe pertence. (Cap. XVI.)

XV.

As mais belas preces e os mais belos sacrifícios prazem menos à Divindade do que uma alma virtuosa que faz esforços por se lhe assemelhar. Grave coisa fora que os deuses dispensassem mais atenção às nossas oferendas, do que à nossa alma; se tal se desse, poderiam os mais culpados conseguir que eles se lhes tornassem propícios. Mas, não: verdadeiramente justos e retos só o são os que, por suas palavras e atos, cumprem seus deveres para com os deuses e para com os homens. (Cap. X, nrs. 7 e 8.) ▶

XVI.

Chamo homem vicioso a esse amante vulgar, que mais ama o corpo do que a alma. O amor está por toda parte em a Natureza, que nos convida ao exercício da nossa inteligência; até no movimento dos astros o encontramos. É o amor que orna a Natureza de seus ricos tapetes; ele se enfeita e fixa morada onde se lhe deparem flores e perfumes. É ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar, silêncio aos ventos e sono à dor.

O amor, que há de unir os homens por um laço fraternal, é uma conseqüência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como lei da Natureza. Tendo dito Sócrates que “o amor não é nem um deus, nem um mortal, mas um grande demônio”, isto é, um grande Espírito que

preside ao amor universal, essa proposição lhe foi imputada como crime.

XVII.

A virtude não pode ser ensinada; vem por dom de Deus aos que a possuem.

É quase a doutrina cristã sobre a graça; mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor e, então, pode perguntar-se por que não é concedida a todos. Por outro lado, se é um dom, carece de mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui a virtude a adquiriu por seus esforços, em existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco de suas imperfeições. A graça é a força que Deus faculta ao homem de boa vontade para se expungir do mal e praticar o bem.

O amor está por toda a parte em a Natureza, que nos convida ao exercício da nossa inteligência

XVIII.

É disposição natural em todos nós a de nos apercebermos muito menos dos nossos defeitos, do que dos de outrem. Diz o Evangelho: “Vedes a palha que está no olho do vosso próximo e não vedes a trave que está no vosso.” (Cap. X, nos 9 e 10.)

XIX.

Se os médicos são mal sucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo, sem tratar da alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem.

O Espiritismo fornece a chave das relações existentes entre a alma e o corpo e prova que um reage incessantemente sobre o outro. Abre, assim, nova senda para a Ciência. Como a lhe mostrar a verdadeira causa de certas afecções, facultá-lhe os meios de as combater. Quando a Ciência levar em conta a ação do elemento espiritual na economia, menos freqüentes serão os seus maus êxitos.

XX.

Todos os homens, a partir da infância, muito mais fazem de mal, do que de bem.

Essa sentença de Sócrates fere

a grave questão da predominância do mal na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação do planeta terreno, habitado apenas por uma fração

mínima da Humanidade. Somente o Espiritismo resolve essa questão, que se encontra explanada aqui adiante, nos capítulos II, III e V.

XXI.

Ajuizado serás, não supondo que sabes o que ignoras. Isso vai com vistas aos que criticam aquilo que

desconhecem, até mesmo os primeiros termos. Platão completa esse pensamento de Sócrates, dizendo: “Tentemos, primeiro, torná-los, se for possível, mais honestos nas palavras; se não os forem, não nos pre-

... Sócrates toparia criaturas que zombariam da sua crença nos Espíritos e o qualificariam de louco...

ocupemos com eles e não procuremos senão a verdade. Cuidemos de instruir-nos, mas não nos injuriemos.” É assim que devem proceder os espíritas com relação aos seus contraditores de boa ou má-fé.

Revivesse hoje Platão e acharia as coisas quase como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Também Sócrates toparia criaturas que zombariam da sua crença nos Espíritos e que o qualificariam de louco, assim como ao seu discípulo Platão. Foi por haver professado esses princípios que Sócrates se viu ridiculizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Tão certo é que, levantando contra si os interesses e os preconceitos que elas ferem, as grandes verdades novas não se podem firmar sem luta e sem fazer mártires. ■

Fonte:

Evangelho Segundo o Espiritismo. Introdução, item IV.



A Morte de Sócrates - Jacques Louis David, 1787 - Museu de Artes - Nova Iorque

Espiritismo na Revista ÉPOCA

por equipe FidelidadESPÍRITA

Na edição nr. 424 de 03 de julho de 2006, a Revista ÉPOCA publicou interessante reportagem sobre a Doutrina Espírita. Apresentou alguns erros ou impropriedades, mas, de forma geral, o assunto foi tratado de maneira satisfatória.

O título da matéria: *O Novo Espiritismo*. É natural que a imprensa leiga assim se refira a uma fase muito positiva do movimento espírita. De fato, para quem não está acostumado à lógica dos princípios do Espiritismo e estuda a questão, sem adentrar pelo ambiente teológico de seus fundamentos, dá, mesmo, a impressão de que o “Espiritismo” mudou. Sim, pois, no passado havia muita preocupação com os fenômenos e estes ficavam em evidência em detrimento, muitas vezes, dos princípios filosóficos, dos fundamentos científicos e das consequências religiosas.

Todavia, essa mudança para um “Novo Espiritismo” só aconteceu para um olhar desatento; a doutrina permanece a mesma, com toda sua pureza e racionalidade, o movimento espírita, porém, de fato, demonstra estar mais maduro.

Necessário não confundirmos Doutrina Espírita (codificada por Allan Kardec e apresentada nas cinco obras da codificação a saber: *O Livro dos Espíritos*; *O Livro dos Médiuns*; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*; *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*),

do Movimento Espírita (isto é, o que os espíritas, nem sempre esclarecidos, fazem em nome do Espiritismo). Por isso, para os leigos, o Espiritismo parece estar diferente. Na realidade, os adeptos estão mais esclarecidos e praticando a doutrina codificada por Allan Kardec com a propriedade racional que a caracteriza.

A reportagem começa noticiando a top model Raica Oliveira como adepta, desde a infância, da Doutrina Espírita. Por conta de atividades profissionais, a modelo freqüente, quando nos EUA, um Centro Espírita na Cidade vizinha de New Jersey que, segundo a revista, é “*freqüentado por brasileiros como Divaldo Franco e Raul Teixeira*”.

Destaca ainda que Divaldo Pereira Franco e Raica Oliveira são, segundo reportagem do The New York Times, “*as faces visíveis de um novo fenômeno: a abertura de centros espíritas nos Estados Unidos dirigidos por brasileiros, freqüentados pela comunidade latina e também por americanos*”.

Vejamos algumas informações curiosas levantadas pela revista:

1) O IBGE aponta 20 milhões de Espíritas e apresenta o Brasil como a maior nação proficiente da Doutrina;

2) O Espiritismo cresce no Brasil, sobretudo, entre jovens de classe média; ▶



3) Apresenta 366 comunidades do site Orkut sobre Espiritismo e outras 808 quando se busca a palavra chave “espírita”;

4) A doutrina cresceu cerca de 40% entre os últimos dois censos. Esse crescimento, segundo o IBGE, se deu, principalmente, nos estratos mais ricos e escolarizados da população;

5) A renda dos espíritas é 150% superior à média nacional e 52% ganham acima de cinco salários mínimos;

6) Entre os espíritas 77% têm entre oito e quinze anos de escolaridade, dez anos, em média, a mais que os católicos;

7) Programas de televisão que tratam do tema “Espiritismo” sempre têm larga audiência;

8) Um filme sobre a biografia de Chico Xavier, baseado na obra de Marcel Souto Maior e dirigido por Daniel Filho, está previsto para o ano que vem;

9) As novelas: *A Viagem e Alma Gêmea* (com abordagens espíritas superficiais) estão entre as que maior IBOP deram no horário das 18h00 na Rede Globo de Televisão;

10) Uma outra novela de nome *O Profeta* (de Ivani Ribeiro), exibida na década de 1970, será rerepresentada, em nova versão, após a novela *Sinhá Moça*;

11) O programa *Linha Direta* alcançou altos índices de audiência ao

apresentar temas relacionados ao Espiritismo, sobretudo, quando veiculou cartas psicografadas de 13 mortos no incêndio do Edifício Joelma;

12) Filmes e séries americanas, abordando a fenomenologia mediúnica, fazem muito sucesso nos Estados Unidos. Destaque para a série atual da TV norte americana de nome *Medium*, baseada na vida real da sensitiva Allison Dubois;

13) Não há fundamentalismo na Doutrina Espírita, sacerdócio organizado e remuneração financeira;

14) O reconhecimento das obras de Chico Xavier, Divaldo Pereira Franco e Raul Teixeira;

15) A caridade como marca do “Espiritismo brasileiro”;

16) Estima-se que meio milhão de pessoas, no país, receba ajuda de alguma entidade espírita;

17) O reconhecimento de obras benemerentes como as executadas pela Federação Espírita Brasileira, Casas “André Luiz” e Mansão do Caminho.

Alguns pontos incorretos abordados pela revista:

1) Para apresentar a “modernidade do Espiritismo”, a repórter assim se expressou: “*Esqueça os copos que se movimentam sozinhos sobre a mesa branca, as operações com canivete e sem anestesia do médium Arigó e as sessões de exorcismo coletivo transmitidas pelo rádio. Isso tudo ainda existe, mas, o crescimento e a exportação da doutrina se devem principalmente a seu lado menos místico e mais racional*”.

a) Os espíritas não nos ocupamos com copos ambulantes, nem revestimos nossas mesas com toalhas brancas durante nossas práticas religiosas. Esses procedimentos foram adotados, inicialmente, por pessoas que mesclaram o pouco conhecimento espírita que possuíam com as práticas das religiões das quais eram egressos. Daí, os nomes inade-

Estima-se que meio milhão de pessoas, no país, receba ajuda de alguma entidade espírita

quados de “Espiritismo de mesa branca”, “Alto Espiritismo”, “Baixo Espiritismo”, etc., que, em verdade, não existem!

b) O médium Arigó não era propriamente espírita, ele trabalhava com a mediunidade beneficiando o povo.

c) Não usamos a palavra exorcismo, muito menos essa prática. Por meio da mediunidade é possível socorrer os espíritos desencarnados que estejam em sofrimento, mas, nunca expulsá-los; da mesma forma ▶

desconhecemos reuniões de “exorcismo” espírita (inexistentes) veiculadas pelo rádio.

2) Allan Kardec como o criador do Espiritismo.

Kardec não criou a Doutrina Espírita, ela é resultado da revelação feita pelos espíritos. Kardec fez a parte humana da verificação, comparação, análise e organização dos ensinamentos dos espíritos.

3) Confundiu Cristianismo com Catolicismo: A Igreja Católica não é o Cristianismo; é, mais uma, interpretação dos ensinamentos de Jesus. O Espiritismo é também cristão.

4) Ao abordar a série americana *Medium*, Martha Mendonça, a repórter, equivocou-se dizendo que a personagem Allison Dubois ajuda a desvendar crimes com mensagens psicografadas. Não! A personagem

Nem sempre o assistido, está preparado para presenciar manifestações mediúnicas

ajuda a desvendar crimes por meio de vidências, sonhos e sensações.

5) Citou incorretamente o nome do Presidente da Federação Espírita Brasileira (Nelson Masotti). O correto é: **Nestor João Masotti**

6) Por vezes, pareceu confundir os fenômenos mediúnicos com Espiritismo.

Considerações finais:

É natural que em matérias desse tipo, feitas, geralmente, por pessoas leigas, para um público leigo, ocorram problemas ou distorções. Mas, de modo geral, a reportagem apresentou pontos muito positivos, diferente do que ocorria em anos anteriores. Observa-se um respeito pela Doutrina Espírita, angariado pelo esforço de todos os que trabalham nessa seara com dignidade, seriedade e compromisso cristão.

Quanto mais estudarmos e vivermos os princípios espí-

nalista Martha Mendonça concluir a reportagem desta maneira: *“Vivemos num mundo cada vez mais competitivo, em que muitas vezes a caridade é deixada em segundo plano. A época atual é também de recrudescimento de fundamentalismos que sufocam a liberdade religiosa. Num tempo assim, a acolhida cada vez maior da mensagem espírita, fundamentada na tolerância e solidariedade, é um fato a comemorar”*.

ritas, mais e melhor atuaremos em sociedade. O exemplo sincero e discreto ao longo dos anos será sempre a nossa melhor pregação.

Certamente, foi essa postura cristã que permitiu à jor-

Na edição 424 (03/07/2006), de todas as matérias apresentadas pela revista, a reportagem: *O Novo Espiritismo* foi a que mais comentários recebeu dos leitores. A seção *Caixa Postal* apresentou 67,5% de participação. (Ed. nº 425 de 10/07/2006).

Super-médiuns

por Haroldo Gomes Horta - Salvador/BA

 Não é raro encontrarmos médiuns que se dizem capazes dos mais diversos prodígios. Esses resvalam mais para o charlatanismo do que para o fenômeno verdadeiro.

Um dos grandes escolhos no avanço do Espiritismo é exatamente a falta de compreensão da doutrina. Assim, os que desejam verdadeiramente entender os fundamentos do Espiritismo, obrigatoriamente, terão de se dedicar à leitura das obras codificadas por Allan Kardec.

Quando assim não agimos poderemos correr o risco da ilusão e da fascinação seguindo pseudo-médiuns que se dizem capazes de resolver todos os tipos de problemas.

Acautelemo-nos com os “sensitivos” modernos.

Mediunidade não é misticismo nem magia, é faculdade humana, natural e depende de certa afinidade fluídica e sintonia mental com os espíritos desencarnados, para que os mais diversos fenômenos aconteçam. ▶

Mediunidade não é misticismo, nem magia, é faculdade humana

Por isso, os medianeiros sérios têm sempre o compromisso com a verdade consorciando-se com a ética cristã.

Dessa feita, todo e qualquer Grupo Espírita sério deverá promover reuniões de estudos doutrinários e de educação mediúnica oferecendo aos estudantes um ambiente digno e sério para que

Com isso fugamos do medianeiro que afirma:

1) Ver tudo o que se passa no mundo espiritual: Por mais capacidades que tenha nem sempre o médium vidente sabe interpretar o que capta do mundo dos espíritos.

2) Curar todas as doenças: A faculdade mediúnica de cura por ação fluídica é um fato, mas, ocorre pela imposição das mãos, por um simples olhar ou desejo de cura e não por meio de cortes e ou cirurgias.

3) Remédios “espirituais”: De fato os bons espíritos podem magnetizar água ou prescrever algum tipo de medicamento. Mas, é necessário averiguar a natureza do espírito e a seriedade do trabalho do medianeiro. Médiuns verdadeiramente receitistas e sérios são muito raros.

4) “Receber” espíritos famosos: Nada impede que os que se destacaram na Terra retornem para amparar os que aqui ficaram. Entretanto, por serem minoria, não é

muito comum. Além disso, não importa o nome que tenha o espírito, mas as suas qualidades morais.

5) Fazer “trabalhos” para arrumar emprego: Nenhum espírito sério se dedica a esse labor. Os bons espíritos sabem que essa parte nos pertence, isto é, a qualificação o estudo e o esforço pessoal pelo desenvolvimento humano. As verdadeiras entidades comprometidas com o bem e o progresso sempre nos estimulam à oração e ao trabalho.

O Espiritismo é doutrina de fé raciocinada e da fraternidade universal, não adota a exploração popular como mecanismo de propagação doutrinária. Por isso, fiquemos com a verdade simples do Evangelho que nos ensina “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”.

Os verdadeiros servidores de Jesus não usam das faculdades espirituais para dominar, enganar ou se promoverem às custas da mediunidade.

Se não existem “super-médiuns” existem médiuns sinceros esforçando-se por fazer um trabalho digno e sincero em benefício da humanidade. ■

O Espiritismo é doutrina de fé-raciocinada, não adota a exploração popular como mecanismo de propagação doutrinária

os verdadeiros amigos espirituais possam agir.

Os verdadeiros médiuns são sinceros e, em sua grande maioria, discretos nada recebendo, financeira ou materialmente, pelo trabalho que empreendem.



Não erre na concordância de “a gente”

por Eduardo Martins

Está certo dizer *a gente vamos* ou *a gente pedimos*, como se faz popularmente no Brasil e em algumas regiões de Portugal? Muitas das pessoas que falam dessa maneira apresentam a justificativa de que não há erro na frase, pois a idéia expressa pela locução **a gente** sempre pressupõe a existência de **mais de uma pessoa**.

Do ponto de vista formal da língua portuguesa, o certo é usar **a gente** com o verbo na terceira pessoa: *a gente vai*, *a gente pede*, *a gente quer*, *a gente gostaria*, etc. A argumentação de que **a gente** sempre subentende mais de uma pessoa autorizaria a fazer, no plural, a concordância de qualquer coletivo. Repara, no entanto, que ninguém diz (pelo menos segundo a norma culta do idioma) *o grupo “saíram”*, *o bando “assaltaram”*, *o enxame “atacaram”*, *o cardume “desceram”*, *a assembléia “aprovaram”*, etc. Todos esses substantivos representam conjuntos, ou seja, têm mais de um elemento. Apesar disso, usa-se o verbo no singular: *o grupo saiu*, *o bando assaltou*, *o enxame atacou*, etc.

Escritores clássicos portugueses chegaram a adotar o verbo no plural com palavras coletivas, como neste exemplo de Fernão Lopes: *O povo lhe pediram que se chamasse Regedor*. Hoje, porém, esse tipo de

construção de frase não é mais aceito. Portanto: *O povo lhe pediu...*

E quanto ao uso da expressão? Veja se você concorda com frases como: **A gente** gostaria de sair mais cedo hoje. / **A gente** viu muitos acidentes na estrada. Na sua opinião, elas podem ser empregadas ou expressam um empobrecimento da língua?

É certo, sim, dizer que **a gente** gostaria de sair mais cedo hoje ou que **a gente** viu muitos acidentes na estrada. Há um preconceito infundado contra a locução. Embora apareça mais na linguagem coloquial, **a gente** constitui um pronome de tratamento e figura em livros de importantes escritores da língua portuguesa em substituição a **nós**.

Veja uma série de exemplos. De Aluísio Azevedo: *Fala direito com a gente, rapaz!* De Monteiro Lobato: *Não diz nada, engrola, vai pra lá, vem pra cá e a gente fica na mesma*. De Mário de Andrade: *Com as frutinhas piladas dessa planta é que a gente cura muita doença e refresca durante os*



calorões. De Afonso Schmidt: *E quando a gente volta à casa um dia e vê trancada a janela que sorria*. De Antônio Feliciano de Castilho: *Sempre esta gente que estuda sabe muito mais que a gente*. De Alberto Pimentel: *Sempre que a gente vai a Lisboa regressa com a algibeira recorrida*.

Evite o abuso

A razão do uso de **a gente** é que o pronome **nós** às vezes torna a fala muito formal. Além disso, a tendência da língua hoje é pelas construções em que o verbo esteja na terceira pessoa. Por isso, o recurso a **a gente**. Evite, porém, abusar da construção e procure limitá-la à linguagem coloquial.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 138. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.



Não Entendem

“Querendo ser doutores da lei, e não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam.”

Paulo (I Timóteo, 1:7.)

Em todos os lugares surgem multidões, na esfera da ciência, da política, da filosofia, da religião. Todavia, não somente nesses setores da atividade intelectual se manifestam semelhantes desequilíbrios.

A sociedade comum, em quase todo o mundo, é campo de batalha, nesse particular, em vista da condenável influência dos que se impõe por doutores em informações descabidas. Pretensiosas autoridades nos pareceres gratuitos, espalham a perturbação geral, adiam realizações edificantes, destroem grande parte dos germens do bem, envenenam fontes de generosidade e de fé e, sobretudo, alterando as correntes do progresso, convertem os santuários domésticos em trincheiras da hostilidade cordial.

São esses envenenadores inconscientes que difundem a desarmonia, não entendendo o que afirma.

Quem diz, porém, alguma coisa está semeando algo no solo da vida, e quem determina isto ou aquilo está consolidando a sementeira.

Muitos espíritos nobres são cultivadores das árvores da verdade, do bem e da luz; entretanto, em toda parte movimentam-se também os semeadores do escalracho da ignorância, dos cardos da calúnia, dos espinhos da maledicência. Através deles opera-se a perturbação e o estacionamento. Abusam do verbo, mas pagam a leviandade a dobrado preço, porquanto, embora desejem ser doutores da lei e por mais intentem confundir-lhe os parágrafos e ainda que dilatem a própria insensatez por muito tempo, mais se aproximam dos resultados de suas ações da vida eterna, através da desilusão, do sofrimento e da forma.



Chico Xavier - Emmanuel
Vinha de Luz